

Internacionalização das ciências agrárias

Desafio a vencer

Elisio Contini¹

Com as correções das distorções macroeconômicas, como a inflação (1994) e a sobrevalorização cambial (1999), o agronegócio brasileiro expandiu-se rapidamente, abastecendo a preços razoáveis o mercado interno de alimentos, fibras, madeira e agroenergia. As exportações do setor cresceram de US\$ 20,5 bilhões em 2000 para US\$ 58,4 bilhões em 2007, com um saldo do agronegócio de US\$ 49,7 bilhões.

Esse espetacular desempenho não é obra do acaso. Terras mecanizáveis e baratas, gente empreendedora, incluindo pequenos produtores, e domínio da agricultura tropical transformaram o Brasil num gigante do agronegócio.

Destaco o papel fundamental das ciências agrárias. As universidades brasileiras formaram recursos humanos qualificados e, junto com institutos de pesquisa, como o centenário Instituto Agrônomo de Campinas e a Embrapa, criaram novas variedades de plantas, melhoraram raças de animais e elaboraram sistemas de produção mais eficientes e produtivos. A iniciativa privada, ainda incipiente, dominou as áreas de sementes híbridas e geneticamente modificadas, defensivos, fertilizantes e maquinaria. Como resultado, a eficiência produtiva, mensurada pela Produtividade Total dos Fatores (produto/insumo), cresceu 3,87 % ao ano no período de 2000 a 2005.

Mas o domínio dos conhecimentos científicos é do mundo desenvolvido. Quando se tomam como *proxi* desses conhecimentos artigos publicados em revistas referenciadas, mais de 85 % provêm de três principais eixos: América do Norte, Europa Ocidental e Sul da Ásia.

Os esforços do Brasil nos últimos anos, embora consideráveis, não o fazem deter mais de 2 % dos *papers* referenciados. Em ciências agrárias, por causa do progresso em agricultura tropical, estima-se um total de 4 %.

Não restam dúvidas de que a agricultura mundial do futuro será dominada pela ciência, como afirma Eliseu Alves. A conclusão é óbvia: se os conhecimentos estão sendo gerados no mundo desenvolvido, então o Brasil precisa estar presente lá. As universidades brasileiras de ponta em ciências agrárias entenderam esse recado e se associaram a outras universidades, principalmente às americanas. Além disso, continuam – em ritmo menos acentuado – a formar seus professores no exterior, em nível de doutorado, e, mais intensamente, em estágios de curta duração.

Além da formação no País e no exterior, em centros de excelência, a Embrapa inovou ao implantar laboratórios virtuais nos Estados Unidos e na Europa, os chamados Labexs, e nos próximos anos deverá implantar seu terceiro Labex, este no Sul da Ásia. Seleccionadas as áreas prioritárias, lançam-se editais internos para candidaturas de pesquisadores seniores em áreas correspondentes. Sediado em laboratório de excelência, cabe ao pesquisador três funções: a) realizar pesquisa de ponta no laboratório que o acolhe; b) monitorar ciência e tecnologia no país ou região de domicílio; e c) articular trabalhos conjuntos entre equipes brasileiras e estrangeiras.

Para o Brasil, os benefícios da internacionalização das ciências agrárias são: primeiro, o

¹ Pesquisador da Embrapa em Economia Agrícola.

contato estreito com centros de excelência eleva o nível científico dos nossos pesquisadores, o que possibilita conhecimentos e tecnologias de alta qualidade; em segundo lugar, passaremos a exportar conhecimentos, um bem de alto valor agregado; terceiro, seremos um braço avançado nos negócios tecnológicos da indústria brasileira em outros países, como na venda de máquinas, sementes e equipamentos para a agricultura e a agroindústria; e quarto, ajudaremos no desenvolvimento de países pobres para que suas populações tenham abastecimento de alimentos e aumento de renda no campo.

Para avançar mais rapidamente na internacionalização das ciências agrárias, precisamos expor nossos cientistas a essa internacionalização. Não somos os melhores do mundo, mas queremos atingir os níveis dos centros de excelência. Por isso, nossos cientistas, de instituições públicas e privadas, devem ser obrigados a participar de congressos, reuniões e oficinas internacionais, com apresentação de *papers* e como debatedores. Um cientista que não viaja nem uma vez por ano ao exterior para um congresso ou outro evento terá seu potencial produtivo limitado. Estará se depreciando e em poucos anos não terá conhecimentos armaze-

nados para gerar tecnologias. Para evitar tal estagnação, é de fundamental importância conhecer o idioma inglês, e trazer congressos importantes para o Brasil permite maior participação dos nossos cientistas, a um custo mais baixo.

Outra estratégia é incentivar nossas universidades e institutos de pesquisa a abrirem postos avançados no exterior, como fazem os países desenvolvidos. Se há leis ultrapassadas que o impeçam, modifiquem-se as leis! O sucesso na formação de recursos humanos nas universidades brasileiras até o nível de doutorado não deve impedir que os profissionais passem um período, ainda que mais curto, em centros de excelência do exterior.

Outra observação importante é que as pesquisas de ponta são planejadas e realizadas em grandes redes mundiais, em que múltiplos atores, em vários países, executam tarefas especializadas e, posteriormente, reúnem as partes para as grandes conclusões. Em agricultura, não é diferente: quem não participar estará excluído do processo e será apenas um adaptador de tecnologias. Enfim, a internacionalização da pesquisa agrícola brasileira representa garantia de competitividade futura do nosso agronegócio.